

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
COMUNICAÇÃO SOCIAL EM JORNALISMO**

GUILHERME HENRIQUE MORO

VENTURAS MIL: O RENASCIMENTO DA FERROVIÁRIA

**Ribeirão Preto
2025**

GUILHERME HENRIQUE MORO
VENTURAS MIL: O RENASCIMENTO DA FERROVIÁRIA

Trabalho de conclusão de curso de
Comunicação Social em Jornalismo
apresentado ao Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo.

Orientador: Dr. Lucas Arantes Zanetti

Ribeirão Preto
2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

M867v

Moro, Guilherme Henrique

Venturas Mil: o renascimento da Ferroviária/ Guilherme Henrique Moro -
Ribeirão Preto, 2025.

205p.il

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo do
Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dr. Lucas Arantes Zanetti

1. Futebol 2. Livro-reportagem 3. Ferroviária I. Zanetti, Lucas Arantes II.
Título

CDU 070

Bibliotecária Responsável: Maria Gabriela Farias Cobianchi CRB⁸ 9914

GUILHERME HENRIQUE MORO
VENTURAS MIL: O RENASCIMENTO DA FERROVIÁRIA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto
2025

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido na forma de um livro-reportagem, teve como propósito reconstruir e analisar a trajetória da Ferroviária desde sua fundação, em 1950, até 2025. A pesquisa destaca marcos históricos decisivos, como a transição de clube social para clube-empresa em 2003, a adoção do modelo de Sociedade Anônima do Futebol (SAF) em 2022 e o retorno à Série B do Campeonato Brasileiro após três décadas, buscando compreender o processo de transformação institucional e esportiva da agremiação. Com base em entrevistas realizadas com jogadores, dirigentes, agentes públicos e torcedores, investigam-se as mudanças estruturais e as reconfigurações simbólicas vivenciadas pelo clube, bem como seus desdobramentos para a cidade de Araraquara e para a identidade do torcedor do interior paulista. Ao registrar acontecimentos relevantes, recuperar fatos pouco explorados e oferecer uma leitura aprofundada do processo de reconstrução da Ferroviária ao longo de sete décadas, o trabalho contribui para o campo do jornalismo esportivo e para a preservação da memória social do futebol brasileiro.

Palavras chave: futebol; Ferroviária; Araraquara; jornalismo; SAF, livro-reportagem.

ABSTRACT

This Final Undergraduate Project, presented in the form of a long-form reportage book, aims to reconstruct and analyze the trajectory of Ferroviária from its foundation in 1950 to the year 2025. The study highlights key historical moments such as the transition from a social club to a corporate football club in 2003, the adoption of the Sociedade Anônima do Futebol (SAF) model in 2022, and the team's return to Brazil's Série B after three decades, in order to understand the institutional and sporting transformations experienced by the organization. Drawing on interviews with players, club officials, public administrators, and supporters, the research examines both the structural changes and the symbolic reconfigurations that have shaped the club over time, as well as their broader implications for the city of Araraquara and for the identity of football fans in the interior of São Paulo. By documenting significant events, recovering lesser-known facts, and offering an in-depth analysis of Ferroviária's seven-decade process of reconstruction, this work contributes to the field of sports journalism and to the preservation of Brazilian football's historical memory.

Keywords: soccer; Railway; Araraquara; journalism; SAF; report book.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Problema	8
1.2	Objetivos	8
1.3	Objetivos específicos.....	8
1.4	Hipótese	9
1.5	Justificativa.....	9
1.6	Metodologia Jornalística.....	10
1.7	Fontes Primárias	10
1.8	Fontes Secundárias	11
1.9	Metodologia Científica	11
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DO FUTEBOL NA SOCIEDADE	12
2.1	Araraquara, estrada de ferro, a bola e o associativismo	13
2.2	O Povo Está Feliz: Nasce A Associação Ferroviária De Esportes	17
2.3	Anos 1970: nuvens encobrem o sol.....	18
2.4	A brilhante campanha na Taça de Ouro de 1983	20
2.5	S.O.S Ferroviária	21
2.6	Algumas considerações sobre a Associação Ferroviária de Esportes	22
2.7	Modelos narrativos e fundamentos práticos	23
3	A CONSTRUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM.....	27
3.1	Última Estação.....	30
3.2	Essa Empresa Dá Jogo	30
3.3	Calvário	30
3.4	Valsa da Fonte	31
3.5	Tempo Rei	31
3.6	Seu Passado Te Condena.....	31
3.7	Que Bom Que Você Voltou	32
3.8	Quer Pagar Quanto?	32
3.9	Descarrilhou.....	33
3.10	Sociedade Anônima de Futebol	33
3.11	Um Orgulho do Brasil	33
4	CONCLUSÃO.....	35
	REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Após 16 anos de aporte financeiro de empresários de Araraquara (SP), e seis tendo como acionista majoritário o empresário Luiz Antônio Duarte Ferreira, conhecido como Luizinho Cai-Cai, em dezembro de 2019 a empresa Ferroviária S.A, responsável pela gestão de futebol da Associação Ferroviária de Esportes, foi adquirida pelo grupo MS Sports. A compra, aprovada pelos 14 acionistas do clube, significava um grande passo do time rumo à profissionalização de seus departamentos esportivos, já que o grupo era comandado por Saul Klein, herdeiro das Casas Bahia, e principal acionista do São Caetano em seu período de glória, quando chegou à final da Libertadores da América e do Campeonato Brasileiro e conquistou o Campeonato Paulista.

A expectativa foi quebrada no momento em que o novo proprietário começa a tomar decisões de forma individual, deixando de lado os processos administrativos que já existiam na Ferroviária, clube organizado apesar das dificuldades financeiras. Cinco treinadores em um ano, contratações sem avaliação técnica de scout ou de departamento de observação de mercado e dois elencos distintos para duas competições simultâneas. Tudo isso em meio ao auge da pandemia de Covid-19. Os problemas internos ganharam outra proporção quando um escândalo envolvendo Saul Klein foi divulgado na imprensa nacional. Ele foi acusado (e posteriormente condenado) de estupro e aliciamento por 14 mulheres. O clube divulgou uma nota de afastamento do empresário frente à gestão, o que nunca ocorreu. No primeiro ano à frente, o time fracassou em seus objetivos desportivos: brigou contra o rebaixamento no Campeonato Paulista e foi eliminado precocemente da Série D do Campeonato Paulista e da Copa Paulista, com a maior folha de pagamento dos respectivos campeonatos.

Muito antes da compra, em novembro de 2003 a Associação Ferroviária de Esportes vivia seu pior momento. Ela havia sido rebaixada para o Campeonato Paulista B1, equivalente à quarta divisão do futebol de São Paulo e não teria condições financeiras de disputar a competição. Foi então que um grupo de

empresários, liderado por Valdir Massucato e Edinho Silva (PT), então prefeito de Araraquara, transformou a instituição em clube-empresa. Todo o seu patrimônio foi municipalizado, inclusive o estádio, a Fonte Luminosa. Em troca, a Prefeitura pagou todas as dívidas do clube, que fazia rodeios, bingos e outros eventos dentro do estádio para quitar pendências com funcionários e jogadores.

A partir daí foi desenvolvido um projeto de renascimento da Ferroviária. A empresa recebeu patrocínio e aporte destes empresários da cidade, que passaram a ser sócios de uma empresa responsável pela gestão do futebol, chamada Ferroviária SA. Em 2004, já em seu primeiro ano, a equipe conseguiu sair do Campeonato Paulista B-1 (quarta divisão), para a Série A3, sendo vice-campeã.

Foram anos em divisões de acesso e muitas temporadas disputando as Séries A3 e A2 do Campeonato Paulista. Até que em 2015, a equipe conquistou o título da Série A2 e retornou à Série A1 após 19 anos.

No período entre 2014 e 2019, a Ferroviária criou princípios desportivos de contratação de atletas e técnicos. Também foi desenvolvido um método de jogo único, para as categorias de base e futebol profissional.

Com essas filosofias de jogo e trabalho, a equipe consegue bons resultados em campo, sendo campeã da Copa Paulista em 2017, e vice-campeã da competição em 2016 e 2018, mesmo sem grandes investimentos, e confiando em apostas dentro de campo.

Quando o grupo foi comprado em 2019, todas essas filosofias foram jogadas por água abaixo. O novo investidor trouxe atletas e o treinador de sua confiança, sem qualquer consulta dos profissionais que lá estavam.

Em 2022, a empresa se torna Sociedade Anônima de Futebol (SAF) e é vendida para o Grupo Bertolucci, para ser liderada por Filippo Bertolucci, filho do empresário Giuliano Bertolucci, conhecido por suas negociações milionárias de atletas brasileiros com clubes do exterior.

Para narrar todas as transformações do Clube desde xxxx,, escolhemos o formato de livro-reportagem, cujo tema foi “Negócios e Futebol: O Caso da Ferroviária de Araraquara”. Nele, investigamos os processos quebrados durante a compra da equipe, a renovação dos ideais e demandas desportiva e analisamos se o clube teria conquistado acessos em nível nacional sem um grande acionista majoritário.

Jogadores, dirigentes, treinadores, acionistas e funcionários são personagens

que contribuíram de forma fundamental para realização deste trabalho, com relatos reais do que vivenciaram neste período.

Para além da história recente da venda da Ferroviária, o projeto também abordou o processo de transformação da equipe em empresa, no início da década de 2000.

Trata-se de um produto inédito que se aprofundou em histórias e feridas da Ferroviária que não foram abordadas anteriormente. Assim, este livro reportagem registra um período crucial na história do clube e, sem ressalvas, expôs o que é necessário para trazer respostas aos torcedores, à população de Araraquara e à imprensa.

1.1 Problema

De que maneira a transformação da Ferroviária em Sociedade Anônima, em 2003, assegurou a continuidade do clube em meio a uma crise financeira e esportiva, considerando que esse processo representou uma ruptura estrutural marcada pela reorganização administrativa, pela profissionalização interna e pela redefinição de seu modelo de negócio, e como o desenvolvimento desse formato de clube-empresa ao longo dos anos seguintes evoluiu até a chegada da MS Sports, em 2019, momento em que uma nova reconfiguração redefiniu a gestão, o desempenho esportivo e a relação da instituição com sua identidade histórica, sua torcida e seu papel no futebol paulista?

1.2 Objetivos

Relatar e analisar, com base em técnicas jornalísticas, a trajetória histórica da Ferroviária de Araraquara desde sua criação até os anos 2000, com ênfase no processo de transformação em Sociedade Anônima em 2003 e nas mudanças subsequentes até 2019. O estudo busca compreender de que modo essa transição e a posterior aquisição pela MS Sports impactaram o modelo de negócio e a gestão administrativa, influenciaram o desempenho esportivo e reconfiguraram a identidade simbólica e comunitária do clube nos dias atuais.

1.3 Objetivos específicos

- Reconstruir, por meio de técnicas jornalísticas e análise documental, a trajetória da Ferroviária a partir da transformação em Sociedade Anônima em 2003, identificando os principais desafios administrativos e esportivos enfrentados ao longo do processo de reestruturação do clube;
- Analisar como o modelo de gestão e as estratégias da equipe técnica contribuíram para a continuidade institucional, a sustentabilidade financeira e a consolidação esportiva da Ferroviária nas duas décadas seguintes (pós 2003);
- Examinar o papel das parcerias empresariais, acordos políticos e articulações institucionais na manutenção da estrutura do clube e na ampliação de sua presença no cenário esportivo paulista e nacional;
- Avaliar de que forma as decisões administrativas e as estratégias de comunicação e marketing influenciaram a relação entre o clube e sua torcida, impactando a preservação da identidade ferroviária e comunitária;
- Investigar as mudanças estruturais, simbólicas e esportivas introduzidas pela aquisição da Ferroviária pela MS Sports, em 2019, observando continuidades e rupturas em relação ao modelo anterior de gestão e à identidade histórica do clube.

1.4 Hipótese

A criação da sociedade anônima em 2003 foi determinante para a continuidade da Ferroviária, permitindo ao clube se manter ativo e competitivo mesmo sem aporte financeiro de um acionista majoritário, graças às estratégias de gestão, trabalho técnico e parcerias políticas e esportivas desenvolvidas ao longo dos anos. Entretanto, a entrada da SM Sports em 2019 representou uma rupturanesse modelo, alterando a dinâmica administrativa, impactando o desempenho esportivo e reconfigurando a relação do clube com sua identidade histórica e com a torcida.

1.5 Justificativa

Este trabalho se justifica pela relevância histórica e jornalística da recente trajetória da Ferroviária, um dos clubes mais tradicionais do interior de São Paulo, cuja história recente ainda não foi explorada em profundidade por nenhum produto jornalístico ou informativo. A transformação do clube em empresa, as transições de gestão e os impactos que essas mudanças causaram na instituição e em seus torcedores são temas de grande importância e que envolvem tanto a Prefeitura de Araraquara quanto grandes empresários de renome no cenário nacional: Saul Klein e Giuliano Bertolucci. A ausência de uma abordagem jornalística sobre esses eventos cria uma lacuna no registro histórico e na compreensão da importância desse período para o futebol regional e nacional. Dessa forma, este trabalho buscou contribuir para essa compreensão. A Ferroviária, além de ser uma equipe querida pela comunidade local, carrega um legado de renascimento e superação que transcende o esporte, fazendo parte do cenário cultural e social da cidade.

1.6 Metodologia Jornalística

Este trabalho foi embasado através de pesquisa no acervo dos livros do Museu de Esportes e Futebol de Araraquara, que contém matérias e reportagens retiradas de jornais de suas respectivas épocas e um acervo com mais de 10 mil fotos de jogos e momentos históricos do clube. Entrevistas com fontes diretamente ligadas a este período também foram utilizadas para embasamento desta obra.

1.7 Fontes Primárias

- Rodrigo Monteiro de Castro: Criador da lei da Sociedade Anônima do Futebol (SAF);
- Edson Antônio da Silva: Ex-Prefeito da cidade de Araraquara e idealizador da SA;
- Marcelo Barbieri: Ex-Prefeito da cidade de Araraquara
- Milton Cardoso: Foi o último presidente da Ferroviária antes de se tornar uma empresa em 2003, ele ficou no cargo de 1998 a 2002.
- Pedro Martins: Ex-Diretor de futebol da Ferroviária SA;
- Carlos Alberto Salmazo: Ex-Presidente da Ferroviária SA.

- Filippo Bertolucci: acionista majoritário da Ferroviária SAF
- Welson Alves Ferreira Júnior: ex-presidente da Ferroviária SAF

1.8 Fontes Secundárias

- Marcos Garrido: Vereador que sancionou a lei que transforma a Ferroviária em patrimônio imaterial de Araraquara;
- Gustavo Ferreira: Historiador e monitor do Museu do Futebol e Esportes de Araraquara;
- Jorge Macedo: Diretor de futebol da Ferroviária SAF;
- Sérgio Soares: Ex-treinador do clube;
- Marcelo Vilar: Primeiro treinador da gestão Klein;
- Betão Boschiero: dirigente por anos;
- Pedro Lopes: jornalista que cobriu o caso Saul Klein.

1.9 Metodologia Científica

Para este trabalho, optamos por utilizar a metodologia de livro-reportagem, devido à sua estrutura histórica, que se alinha perfeitamente com o objetivo central da pesquisa: investigar a transformação e os impactos gerados da criação Ferroviária S.A. e a consequente sua compra e mudança de gestão ao longo dos anos. Ela nos permite realizar uma análise aprofundada de um tema específico e delimitado, o que se ajusta ao estudo detalhado do processo de compra da Ferroviária, suas implicações para o clube, e as mudanças nas filosofias desportivase administrativas. A modalidade também facilita a organização lógica do conteúdo, dividindo-o em capítulos, como a história do clube, o impacto da compra, as alterações nas políticas de contratação.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FUTEBOL NA SOCIEDADE

Ao analisar os impactos do futebol na sociedade e rotina araraquarense, representado pela Associação Ferroviária de Esportes, foi necessário dissecar estudos de autores que se aprofundaram nas relações sociais envolvidas no âmbito futebolístico.

A origem do esporte vem da Inglaterra, sendo em 1878 instituída a primeira uniformização das regras. Quando o futebol começou a se espalhar por outros países, a influência da cultura inglesa esteve presente, explica Júnior (2007), que se aprofunda nas origens dos nomes de clubes latino-americanos:

Não foi casual que nesta região vários clubes tenham adotado nomes ingleses, na Argentina (Banfield, Boca Juniors, Newell's Old Boys, River Plate, Vélez Sársfield), no Brasil (Arsenal do Mato Grosso, Corinthians de São Paulo, River do Piauí, Tranways de Pernambuco), no (Everton, Green Cross, Wanderers), na Bolívia (The Strongest) ou no Peru (Sporting Cristal) (Júnior, 2007, p. 10).

Em sua avaliação, DaMatta (1982), cita sociedade e esporte como complementares, onde os contextos em que ambos estão inseridos se tornam fundamentais para entender a atividade praticada e suas particularidades. O estudo feito por ele complementa que o futebol é entendido como algo desprendido da rotina social do cidadão que dedica seu tempo a acompanhar uma partida. Não só ele, mas também o teatro e outras artes voltadas ao entretenimento. É um universo paralelo de sua vida, como uma ficção. Deste modo, o futebol pode ser encarado como um partido político, onde o resultado esportivo obtido pode mascarar problemas mais básicos, em caso de um clube, que pode ocultar um olhar mais atento do torcedor para adversidades internas, ou no caso da seleção de um país, pode-se omitir problemas ainda mais graves, socialmente falando.

A tese pode ser observada no período em que ocorreu a ditadura militar no Brasil. Em 1970, a ideologia da política de segurança nacional consolidou-se através do futebol, fazendo associação entre o esporte e a identidade nacional. A seleção brasileira passou a representar, simbolicamente, toda a população. Nesse contexto, criou-se a sensação de que, apesar das tensões e polarizações políticas, o Brasil estava bem representado (Mendes; Naiff, Nascimento, 2014).

Magalhães (2012) observa que para além do intuito e incentivo esportivo do poder presidencial, naquele período representado pelo presidente Médici, houve

associação desprovida de líderes esportivos para com a conquista, naquele momento inédita, do tricampeonato da Copa do Mundo:

Os discursos de Médici reproduziam a ideia da vitória deste modelo imposto pelo regime, mas através de um elemento comum que permitia o diálogo com a sociedade. Procurou-se sempre glorificar na seleção de futebol qualidades coletivas que eram vistas como positivas pelos militares: organização, coragem, unidade, patriotismo. Os jogadores eram a personificação do cidadão ideal, que lutava pela pátria e mostrava suas virtudes para o mundo, assim como os torcedores, que cumpriram da mesma forma seu papel (Magalhães, 2012, p. 238).

Júnior (2007) compreende que o fato não é isolado e foi explorado também por outros mandatários para além dos três poderes:

À medida que o futebol caía no gosto popular, foi se acelerando no mesmo ritmo sua utilização como instrumento político. De início a política informal, com industriais de pequenas cidades inglesas apoiando financeiramente o time de sua fábrica para reforçar seu prestígio pessoal e ganhar o reconhecimento de seus trabalhadores (Júnior, 2007 p. 168).

Em contrapartida do poder público alienando a população através do esporte, é possível observar que “o futebol expressa a própria sociedade brasileira em sua forma de manifestação cultural construída historicamente” (RINALDI, 2012, p. 168).

Esse aspecto pode ser apresentado como forma representativa através das camisas de clubes de futebol, segundo Guimarães (2008).

Quando um jovem da periferia de São Paulo vai a um camelô comprar uma camiseta e escolhe entre a camisa do time de futebol para o qual torce; uma camiseta falsificada de uma grife famosa ou uma camiseta com dizeres como “100% Negro”, todas custando os mesmos R\$ 10,00, a sua opção é parte do seu estilo de vida, da forma como ele articula o consumo com a expressão da sua identidade (Guimarães, 2008, p. 6).

2.1 Araraquara, estrada de ferro, a bola e o associativismo

Para entender a história da Associação Ferroviária de Esportes, é preciso voltar às suas origens, quase 70 anos antes de sua fundação, em 12 de abril de 1950, mais precisamente ao ano de 1873. Na época, o Governo Imperial tinha interesse em expandir o alcance da linha férrea da Paulista, que havia chegado ao interior do estado através dos recém-inaugurados trilhos que ligavam Jundiaí a Rio Claro. Mas, para além dos interesses da regência estatal, os fazendeiros cobiçavam ferrovias que chegassem à região interiorana para que diminuísse o custo com carros de boi, responsáveis pelo transporte dos produtos à época (Ribeiro, 2019).

É neste contexto que surge a Companhia Estrada de Ferro em Araraquara, em 1885, por iniciativa de um grupo de fazendeiros liderados pelo carioca Carlos Batista Magalhães. Estabelecida a criação, a companhia concluiu a primeira fase de sua linha-tronco em 1901, com a chegada à Ribeirãozinho, que viria se tornar Taquaritinga, totalizando 82 quilômetros de extensão (Gerodetti, 2000).

Líder do movimento, Magalhães é considerado uma figura notável da história araraquarense, que contribuiu para a expansão urbana da cidade e foi um dos fundadores do Clube Araraquarense, segundo Manecolo (2019).

Com o intuito de seguir seu processo de expansão, a companhia optou por fazer empréstimos para que a linha-tronco enfim atingisse a cidade de São José do Rio Preto. A obra foi finalizada em 1912. O progresso, no entanto, culminou na falência da companhia dois anos depois. A massa falida e as atividades foram repassadas à São Paulo Northern Railroad Company (Cirino, 2005).

Apesar deste estudo tratar-se sobre a Associação Ferroviária de Esportes, é necessário abordar o futebol na Morada do Sol (apelido dado à cidade de Araraquara) antes da existência do clube. Desde o início do século XX, havia uma forte cultura futebolística na cidade. Segundo Cirino (2005), a prática do futebol na Morada do Sol iniciou-se com grupos de jovens se familiarizando com o esporte que chegara ao Brasil pelas mãos do inglês Charles Miller. Há evidências de partidas amadoras disputadas ainda nos anos 1910.

Além da Ferroviária, outras seis equipes disputaram partidas oficiais de divisões inferiores do Campeonato Paulista. A primeira a estreiar foi a Associação Atlético Araraquara, que em 1928, jogou a divisão do interior da Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA), que naquele período era a responsável pela organização das competições paulistas (Kussarev, 2021).

Outros dois clubes importantes na era pré-Ferroviária foram o Paulista Futebol Clube (PFC) e o São Paulo Futebol Clube (SPFC), este com a mesma denominação que o co-irmão da capital paulista. (Kussarev, 2021). O Paulista chegou a disputar cinco edições do que na presente data seria equivalente à Série A2 do Campeonato Paulista, entre 1948 e 1954, além de duas edições da divisão do interior. Já o SPFC disputou a segunda divisão estadual, ininterruptamente, entre 1949 e 1951 (Kussarev, 2021).

No entanto, a associação que é “seu nome lembrado com mais saudade” (Cirino, 2005, p. 55) é a Associação Desportiva Araraquara (ADA). O time foi

fundado em 1952 pelo mesmo fundador da Ferroviária, o engenheiro Antônio Alves Pereira Lima, figura qual este capítulo destrinchará nos próximos parágrafos.

Cirino (2005) conta que Pereira Lima estava afastado da alta cúpula grená por divergências políticas e decidiu propor uma fusão entre o Paulista e o São Paulo de Araraquara, concretizada em 9 de janeiro de 1952, com a fundação daquele que seria o maior rival da Ferroviária. Os times protagonizaram, em várias oportunidades, o clássico Ferro-ADA, que fez a cidade se dividir na década de 1950.

No total o time Alvi-celeste disputou quatro vezes a segunda divisão entre 1952 e 1956, a terceira em 1957, além do quarto nível em 1960 (Kussarev, 2021).

Se a AFE não foi pioneira no futebol araraquarense, o mesmo acontece em seu âmbito como agremiação. Antes do clube, outras associações ligadas à estrada de ferro, com o intuito de unir operários e trabalhadores, já haviam sido fundadas. Um dos mais notáveis foi o Grêmio Recreativo da EFA (GREFA), que surgiu para substituir o Cultura Física, fundado em 1925 (Cirino, 2005).

Em seu estudo feito através do livro *Fonte Luminosa*, Cirino (2005) cita como principal representante dos ferroviários, em termos futebolísticos, antes da fundação da AFE, o Contadoria Esporte Clube, fundado pelo Dr. Emílio Borges, na década de 1930. Dentro da EFA, existiam desafios entre os departamentos da empresa, sendo alguns dos rivais o Departamento de Tráfego e o Departamento de Força e Luz.

Antes da criação dos citados, um agrupamento teve papel importante na classe ferroviária não pela confraternização entre os funcionários, tampouco pelos feitos esportivos: a Sociedade Beneficente União Operária fundada em 1919. (Cirino, 2005).

É preciso contextualizar que, no período de fundação da União Operária, o país atravessava o auge de uma crise econômica causada principalmente pela pandemia de gripe espanhola e da Primeira Guerra Mundial (Marçon; Siviero, 2024).

Gobatto (1997) explica que a defasagem dos salários e a constante inflação nos preços dos alimentos e aluguéis tornavam inviáveis os sustentos, principalmente dos ferroviários, que recebiam salários aquém do mercado de trabalho do período. Eles revoltaram e tiveram apoio dos comerciantes e munícipes de Araraquara para organizar a União Operária, que teve como principal líder o italiano e anarquista Giovanni de Marchi.

Em 1945, a Associação Atlética Ferroviária (AAF) também representou a

Morada do Sol. O clube disputou a divisão interiorana organizada na época. Seis anos depois, em 1952, foi a vez do Esporte Clube Departamento de Estradas de Rodagem (ECDER) jogar o segundo nível (Kussarev, 2021)

Dessa forma, essa situação refletiu-se na vida dos ferroviários da The São Paulo Northern Railroad Company, que pleitearam através da União Operária de Araraquara, junto à administração da ferrovia, os aumentos salariais e as oito horas de jornada de trabalho (Gobatto, 1997, p. 111).

O movimento grevista pela recém-fundada associação teve início no dia 1º de outubro e paralisou por um mês as atividades da companhia, que a partir do dia 1º de novembro daquele ano, foi encampada pelo governo do Estado de São Paulo e foi renomeada como Estrada de Ferro Araraquara (EFA).

A partir de seu desenvolvimento, a EFA passou a ser a principal responsável pelo desenvolvimento e progresso de Araraquara, mas também das cidades pelas quais a linha tronco atravessava. Também teve relevância na criação das características da sociedade araraquarense e dos cidadãos dos municípios alcançados pela linha tronco da companhia. (Cirino, 2005)

Para Gerodetti (2000), a Araraquarense transcendeu os objetivos traçados durante sua formação e passou a ser uma importante rodovia do estado. No entanto, Summerhill (2018) apud Ribeiro (2019) explica que o sucesso da EFA também passa por investimentos para além da iniciativa privada:

A EFA surge sob a influência de um cenário de livre concorrência em um momento em que se rompia com os privilégios da garantia de juros e da zona privilegiada em benefício das companhias ferroviárias, mas, na prática, fica patente que, sem o auxílio do poder público, a empresa, por diversas ocasiões, não teria conseguido concretizar seus objetivos. Inclusive, vê-se que os incentivos públicos e privados foram uma medida adotada pela empresa para contornar o momento economicamente delicado sob o qual ela se desenvolveu, do ponto de vista da produção cafeeira, e prover os altos investimentos que demandavam um empreendimento dessa natureza (Summerhill, 2018, apud, Ribeiro 2019, p. 118).

Mesmo com o forte histórico de agrupamento e sindicalista dos ferroviários de Araraquara, Cirino (2005) ressaltou que:

A direção da EFA jamais se opôs à formação desses clubes e grêmios. Ao contrário. Estimulava seus participantes e colaborava com material, pessoal e também recursos para os gastos de manutenção. Apesar disso, após o desaparecimento dos referidos grêmios, o entusiasmo já não era mais o mesmo e verificou-se um hiato de aproximadamente uma década até o surgimento daquele que seria o clube definitivo, não somente dos ferroviários, mas de toda a cidade e região: Associação Ferroviária de Esportes (Cirino, 2005, p. 23).

2.2 O Povo Está Feliz: Nasce A Associação Ferroviária De Esportes

Em junho de 1945, a EFA contratou Antônio Tavares Pereira Lima para ser engenheiro residente da companhia em São José do Rio Preto. À época, mineiro de Guaranésia tinha mais de três anos de profissão desde que se formou em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) em 1942 e já havia trabalhado no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Pereira Lima era conhecido em Rio Preto, principalmente pela sua paixão pelo futebol, motivo pelo qual fundou ao lado de amigos rio-pretenses, o América Futebol Clube. Ele também atuava como atacante e esteve em campo no primeiro jogo do América, na vitória por 3 a 1 sobre a Atlético Ferroviária, time de funcionários da Cia. Paulista de Araraquara (Cirino, 2005).

Em 1949, Pereira Lima foi transferido à Morada do Sol para chefiar o departamento de linha da EFA. Segundo Cirino (2005), a companhia vislumbrava a criação de um clube recreativo para que seus funcionários pudessem se associar e terem opções de lazer e prática esportiva. No entanto, o engenheiro queria uma equipe profissional de futebol, que pudesse levar o nome da Estrada de Ferro para além das cidades atingidas pela linha-tronco.

Ele recebeu carta branca do alto escalão da EFA para elaborar o clube, o complexo e o futuro estádio. No entanto, houve resistência por parte dos funcionários em aderir aos ideais do mineiro, já que estavam frustrados com os findados clubes e agremiações ligadas aos efanos ao longo dos anos. No entanto, no dia 12 de abril de 1950, ao lado de outros ferroviários, ele se reuniu no salão de festas do Clube 22 de Agosto para fundar o que viria a se tornar a Associação Ferroviária de Esportes. O nome foi sugerido pelo próprio fundador, que logo apresentou o escudo, idêntico ao da EFA, somente com as letras invertidas: AFE. (Cirino, 2005).

A maior polêmica envolvendo a reunião de fundação da Ferroviária está na origem das cores de seu uniforme. Cirino (2005) relatou em sua obra a versão de um dos presentes na noite daquele dia 12 de abril:

É importante ressaltar, visto que o fato ainda causa polêmica, que o idealizador da cor grená não foi o Dr. Antônio e sim Silvio Banini. Pereira Lima sugeriu a cor azul e branco, de uma antiga agremiação da Estrada, mas foi vencido. Já com idade avançada, Banini me confirmou que a ideia grená foi sua, mas não soube dizer o porquê. Corre a versão que a cor foi escolhida para assemelhar-se à carenagem das locomotivas da Estrada,

pintadas com cor parecida (CIRINO, 2005, p. 26).

Fundada a Associação Ferroviária de Esportes, ainda demoraria pouco mais de um ano até a estreia dentro dos gramados. Neste período, a diretoria planejou trâmites burocráticos, desde a divulgação da associação até a construção da sede. A estreia afeana aconteceu no dia 13 de maio de 1951, no Estádio Municipal contra o E. C. Mogiana de Campinas, um co-irmão de ferrovia (Zivian, 2020).

Com pouco mais de cinco anos de existência, a Associação Ferroviária de Esportes alcançou um de seus primeiros grandes feitos: a ascensão para a elite do futebol paulista. Em 1956, a equipe grená se destacou na Segunda Divisão do Campeonato Paulista, garantindo o acesso para a Divisão Especial, como era chamada a primeira divisão na época. O feito consolidou a Ferroviária como uma das principais forças emergentes do interior do estado e a inseriu no seleto grupo de clubes que desafiaram a hegemonia dos grandes da capital. (Cirino, 2005).

Nos anos seguintes, a Ferroviária se firmou como uma das equipes mais competitivas do interior paulista. A prova disso foi a brilhante conquista do tricampeonato do interior no triênio de 1967 a 1969. (Baroffaldi, 2014). O troféu era uma premiação da Folha de São Paulo para o time que obtivesse a melhor classificação entre as equipes do interior. A premiação era reconhecida pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e assim como a Jules Rimet, da Copa do Mundo, o troféu ficaria em definitivo com o time que vencesse três vezes a competição, feito alcançado pelo time grená, que ostenta este feito como o principal de sua história com as três estrelas acima de seu escudo (Cirino, 2005).

Essas conquistas destacaram a equipe como uma das mais bem estruturadas do estado e reforçaram sua reputação como um adversário de respeito contra os grandes clubes paulistas. No entanto, a ascensão rápida do clube tinha por trás a EFA. Para se entender o tamanho do investimento, Baroffaldi (2014) conta que em novembro de 1967, a companhia doou ao seu clube associativo dez locomotivas consideradas inutilizáveis para os interesses da ferrovia. A AFE conseguiu vender a massa por cerca de 33 milhões de cruzeiros novos (Baroffaldi, 2014).

2.3 Anos 1970: nuvens encobrem o sol

Em 1971, a EFA encerrava suas atividades para ceder sua ferrovia ao estado,

que faria a administração através da Ferrovia Paulista Sociedade Anônima (FEPASA) (Ribeiro, 2019).

A década de 1970 foi um período difícil para a associação e os times do interior de forma geral devido a forma com que a CBD conduzia os ainda primitivos campeonatos nacionais. Os estaduais considerados as competições mais relevantes, passaram a ser consumidos pelos calendários nacionais. (Cirino, 2005).

Se a conquista da Taça dos Invictos trouxe ânimo e esperança da continuidade do time grená como a principal potência do interior do estado, logo veio o desencanto com a necessidade de adquirir o estádio Dr. Adhemar de Barros, a Fonte Luminosa, inaugurado no dia dez de junho de 1951, em Araraquara. O estádio onde a AFE mandava seus jogos era acompanhado de um grande complexo poliesportivo, com piscinas, quadras de tênis e outras opções de lazer para os associados. No entanto, ele estava em posse da EFA, que ao ser estatizada através da criação da FEPASA, passou a ser detentora do espaço (Cirino, 2005).

Cirino (2005) narra que o problema ficou maior quando a FPF, após uma vistoria na estrutura do estádio, ameaçou interditá-lo se a diretoria afeana não providenciasse a demolição das velhas arquibancadas de madeira em troca de novas feitas com concreto. Com o decreto da entidade, os diretores ficaram alheios à reforma em um bem que não era de propriedade da Associação Ferroviária de Esportes. Foram então abertas as discussões e trâmites para a compra do complexo.

A Diretoria grená iniciou a campanha de construção de mais um lance da arquibancada, o chamado "Ferrão". Mas o problema crucial estava latente: era preciso adquirir o Estádio da Fonte Luminosa. As pretensões eram de difícil concretização. Iniciou-se, então, um processo de negociações, que se estendeu por quase seis meses. A princípio cogitou-se de a Prefeitura de Araraquara adquirir o Estádio e o ceder, a seguir, em regime de comodato, ao clube. Mas o grande presidente que foi o Dr. José Wellington Pinto, após grandes esforços, conseguiu obter êxito e, no histórico dia 29 de janeiro de 1973, assinou no Palácio dos Bandeirantes o compromisso de compra de todo o Complexo Esportivo, pelo valor quase simbólico de Cr\$500.000, 00 a serem pagos em cinco anos. A prefeitura de Araraquara, representada pelo Prefeito Rubens Cruz e pelo vice José Alberto Gonçalves, foi avalista do contrato. O governador Laudo Natel e o Secretário dos Transportes, Paulo Maluf, representaram o Estado de São Paulo na solenidade. Finalmente, a Ferroviária era a dona da Fonte Luminosa! Estava realizada a velha aspiração da gente grená! Todas as pessoas verdadeiramente ligadas à vida grená (Cirino, 2005, p. 113, 114).

Esse acontecimento foi destacado porque, apesar de significar um marco importante para a vida afeana, pela representatividade e valor afetivo da Fonte

Luminosa, significou o início do caos financeiro que tomaria a associação a partir da década de 1990, já que as prestações se estenderam ao longo de cinco anos, praticamente durante todo o mandato de Dr. José Wellington Pinto, que assumiu a presidência em 1971 e deixou o cargo em 1975. Com isso, o time amargou campanhas ruins no decorrer da década, sem o mesmo destaque dos anos 1960. No entanto, não houve rebaixamento.

2.4 A brilhante campanha na Taça de Ouro de 1983

No dia 10 de abril de 1983, a Ferroviária entrava em campo pela quarta fase da Taça de Ouro, equivalente à Série A do Campeonato Brasileiro. Naquele dia, em mais das inúmeras transmissões da Rádio Cultura de Araraquara, a eterna PRD-4, o comentarista da equipe de Wilson Silveira Luiz, Marinho Benassi, falou com entusiasmo sobre o esquadrão grená que entraria em campo contra o Grêmio. Naquela tarde, o time empatou por 2 a 2 com o Tricolor e diversos cronistas esportivos paulistanos se renderam ao belo futebol apresentado pela AFE. É o que mostra o registro de Ricardo Simões, responsável pelas imagens. Um dos depoimentos mais relevantes, é o do narrador Nilson César, da Jovem Pan:

Bem, meus amigos de Araraquara, realmente a Ferroviária vem fazendo uma campanha brilhante nessa Taça de Ouro. O time de Araraquara, até para minha surpresa, está fazendo o inesperado. A primeira fase todo mundo sabe que seria mais conveniente, uma situação mais tranquila. Na segunda fase, as dificuldades já seriam maiores e a Ferroviária conseguiu também mostrar um grande futebol. Isso é uma satisfação para nós de São Paulo, que vivemos o interior, que convivemos com as coisas do interior do estado (Nilson César, 1983).

Baroffaldi (2014) relata que a vaga para a Taça de Ouro foi obtida através do Campeonato Paulista de 1982, com a goleada sobre o Juventus, por 3 a 0, na Rua Javari, em São Paulo. Naquele ano, o time grená terminou o estadual na sexta colocação.

Na primeira fase, o elenco afeano fez uma campanha irretocável, avançando à próxima etapa de forma invicta. Cirino (2005) dissecou os jogos da equipe araraquarense, que parou, com honra, na terceira fase.

Para a segunda fase, a AFE caiu no grupo O, junto com América de Natal, Atlético Paranaense e Botafogo de Ribeirão Preto. Ganhou o primeiro jogo, por 3x1, do América de Natal, no Rio Grande do Norte, passando a líder já na primeira rodada. Empatou a seguir com o Atlético, por 1x1, em Curitiba e

bateu o Botafogo de Ribeirão (considerado tradicional freguês) em Araraquara, por 1x0. Nos jogos de volta empatou com o Atlético 0x0 na Fonte, em partida que Zé Roberto perdeu pênalti aos 44 min. do 2º tempo, empatou em 0x0 com Botafogo, em Ribeirão Preto, e goleou o América de Natal por 5x1 na Fonte, sagrando-se campeã de seu grupo e sendo apontada por todos os jornais como "A mais grata surpresa entre os 32 concorrentes". Na fase seguinte caiu no grupo mais forte de todos, o grupo S, com São Paulo, Grêmio Portoalegrense e Sport do Recife. Nem assim se intimidou. No primeiro jogo, recebeu o Grêmio, na Fonte, e fez sua mais brilhante partida no Campeonato. Ganhava de 2x1 e cedeu o empate aos 42 min. do segundo tempo. O Grêmio baixou em Araraquara com De Leon, Tita, Osvaldo, Renato Gaúcho e outros Campeões Mundiais Interclubes. Apesar disso, não venceu a AFE. No jogo posterior a Ferroviária perdeu para o São Paulo, no Morumbi, por 3x1, diante de outra atuação desastrosa do árbitro Valquir Pimentel. Perdeu também os seus três jogos seguintes para Sport (4x1 em Recife), São Paulo (4x0 em Araraquara) e Sport (1x0 em Araraquara). Teve que, então, encerrar sua participação contra o Grêmio, em Porto Alegre. Diante dos resultados negativos anteriores da equipe araraquarense e pelo fato de os gremistas precisarem classificar, acreditava-se que a AFE não seria adversário para o Grêmio. Puro engano. A Ferroviária humilhou o campeão Mundial em sua própria casa, batendo-o inapelavelmente por 3x1. Esse jogo ficou na História como um dos mais perfeitos de toda a trajetória vitoriosa da AFE. Encerrou-se, assim, com uma goleada no Grêmio, a participação da Ferroviária no Campeonato Nacional de 1983. Foram 20 jogos, 9 vitórias, 6 empates e 5 derrotas. Nada mau para um clube debutante na competição e que teve pela frente as maiores forças do nosso futebol (Cirino, 2005, p. 126).

2.5 S.O.S Ferroviária

Na década de 1980, além da participação na Taça de Ouro de 1983, a AFE conseguiu chegar à semifinal do Campeonato Paulista de 1985, sendo derrotada pela Portuguesa, em jogos de ida e volta. Se os anos 1970 foram difíceis, os torcedores afeanos nem imaginavam a derrocada que estaria por vir.

O clube passava por extremas dificuldades entre 1994 e 1995, na segunda administração do presidente Antônio Parelli Filho, que durou até 1997. Neste período, a diretoria criou uma campanha chamada SOS Ferroviária, em 1995, com o intuito sensibilizar os araraquarenses em relação à grave situação do time. No ano, além do Paulista, o time disputou a Série B do Campeonato Brasileiro, onde sofreu sua maior goleada: 8 a 0 para o Coritiba, no Couto Pereira. A diretoria firmava contratos com valores incompatíveis para sua realidade financeira (Baroffaldi, 2014).

Nos anos seguintes, os rebaixamentos se tornaram frequentes. Em 1996, a AFE caiu para a Série A2 do Campeonato Paulista, chegando à Série A3 no ano seguinte, situação inédita na história do clube até então. A instabilidade dentro e fora de campo continuou até o início dos anos 2000, em seu aniversário de 50 anos, caiu

para a Série B1 do Campeonato Paulista, equivalente ao quarto nível estadual, algo impensável para o clube que já havia frequentado a elite nacional. A queda de prestígio, o enfraquecimento institucional e a situação incontrolável das dívidas deixaram a equipe em situação crítica. Nem mesmo com o acesso para a Série A3, em 2001, após a criação da Liga Rio São Paulo, que beneficiou times de todas as divisões, o time saiu de suas dificuldades econômicas. Em 2003, novo rebaixamento para a Série B1, mas desta vez, não haveria possibilidade de mandar um time a campo. O ambiente interno da Ferroviária era um inferno. A perda do patrimônio e a inexistência do clube era praticamente certa. A alternativa, definida em 10 de julho de 2003, através de uma assembleia de sócios, foi a venda do único patrimônio que ainda sobrara: a Fonte Luminosa. A Universidade de Araraquara (UNIARA) se mostrou uma possível compradora. Mas cinco dias depois, desistiu do negócio, para desespero do conselho deliberativo, do presidente Mário Joel Malara e principalmente dos funcionários do clube (Cirino, 2005).

Diante desse cenário, foi criada, em 2003, através de uma idealização do então prefeito, Edinho Silva, a Ferroviária Futebol S/A, uma empresa com gestão autônoma sobre o futebol afeano, gerida pelo comércio local. Cirino (2005) conta detalhes que não estão inseridos no capítulo introdutório desta tese:

Seria criada uma nova empresa (Ferroviária S A) para gerir as coisas do futebol e o Clube, conjuntamente com a Prefeitura, o passivo, municipalizando o Estádio da Fonte Luminosa e procurando compradores para uma grande área existente nas imediações do estádio e, com os recursos auferidos, saldar a dívida do Clube que chegava a 3,5 milhões de reais. Várias firmas de Araraquara e região adquiriram cotas da nova empresa, como Unimed, Inepar, Datacity, Empresa Cruz, Meias Lupo e alguns empresários. Assim, utilizando as prerrogativas da lei Pelé, a Ferroviária SA pôde ser constituída (Cirino, 2005, XX).

2.6 Algumas considerações sobre a Associação Ferroviária de Esportes

Ao analisar a história e o contexto em que surge o clube na sociedade araraquarense, é possível perceber o surgimento preenche uma lacuna de associativismo que há mais de duas décadas permeava o imaginário dos afeanos, que buscava espaços de lazer nos dias de folha e, em alguns casos, o sindicalismo, tão marcado pela União Operária, já citada neste capítulo.

Percebe-se também que a AFE se demonstrou um clube deficitário do sentido lucrativo, haja visto que obteve auge monetário no período que era financiada pela

Estrada de Ferro Araraquara. Com a incorporação para o estado, através da FEPASA, que mantivera seus funcionários ligados à Ferroviária, ainda houve certa estabilidade, ainda que comprometida pela necessidade da compra do complexo esportivo da Fonte Luminosa, em 1973. As necessidades interferiram nas quatro linhas, haja visto que os resultados que a associação obteve durante toda a década de 1970 foram irrisórios, quando comparados com a força dos elencos dos anos 1960.

Ainda houve lampejo na década de 1980 com a campanha histórica na Taça de Ouro de 1983, com um elenco que se demonstraria um dos mais fortes da história afeana, com amplo elogio da imprensa nacional, liderado pelo goleiro Abelha e o meia Douglas Onça. Já em 1985, com o time alcançou a semifinal do Campeonato Paulista, sendo eliminado pela Portuguesa, em jogos de ida e volta na Fonte Luminosa e no Canindé.

2.7 Modelos narrativos e fundamentos práticos

A decisão de transformar este estudo em um livro-reportagem nasceu da necessidade de tratar a história recente da Ferroviária com profundidade, contexto e narrativa. A trajetória do clube, marcada por transformações radicais em sua estrutura administrativa e esportiva, exigiu mais do que a exposição de dados ou entrevistas isoladas.

A história da Ferroviária enquanto associação conta com registros relevantes, como a obra *Fonte Luminosa*, de Luís Marcelo Cirino, que resgata episódios marcantes da trajetória do clube no período anterior à sua transformação em empresa. Outro importante conjunto de dados, estatísticas e informações sobre partidas pode ser encontrado na vasta bibliografia organizada por Vicente Henrique Baroffaldi, referência na documentação da história da equipe de Araraquara. No entanto, observa-se um hiato significativo de informações a partir da criação da Ferroviária S/A, em 2004, especialmente no que diz respeito à evolução dos departamentos de futebol.

Para Lima (2004), "a livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos". Isto é, tem como principal característica o aprofundamento das informações apuradas no

período de criação das reportagens.

Segundo Guzzo; Teixeira (2008), o estilo passou a ser utilizado com frequência a partir do surgimento do New Journalism nos Estados Unidos, ganhando força com autores como Truman Capote, por oferecer uma narrativa mais aprofundada, com foco humanizado e elementos típicos da literatura, o que atraiu muitos jornalistas e escritores.

No Brasil, uma das livro-reportagens embrionárias é *Os Sertões* (1901), de Euclides da Cunha. Maciel (2017) argumenta que, naquele período, a imprensa brasileira, ainda que de maneira lenta e tardia, um processo de mudança em seus estilos e formas narrativas, movimento esse que já vinha sendo desenvolvido na Europa e nos Estados Unidos desde a segunda metade do século XIX.

O livro-reportagem e o jornalismo literário compartilham diversas semelhanças, especialmente no que diz respeito ao uso de técnicas narrativas da literatura para contar histórias reais. Ambos valorizam a profundidade na apuração, a construção de personagens, a ambientação detalhada e a busca por uma linguagem envolvente, que ultrapasse os limites do jornalismo convencional. Durante o processo de escrita, essas duas formas se tornam complementares: enquanto o livro-reportagem oferece a estrutura e o compromisso com os fatos, o jornalismo literário contribui com a sensibilidade estética e a liberdade criativa na forma de narrar.

Observando os dois gêneros, Oliveira (2006) elucida que num primeiro momento, é o jornalismo que se inspira na linguagem e no estilo da literatura, marcada por certo tom boêmio. Posteriormente, a literatura passa a enxergar no jornalismo uma forma de reinventar sua própria prática, incorporando elementos do real com uma abordagem literária, pautada pela clareza, simplicidade e precisão textual. Assim, a literatura passa a buscar no jornalismo temas e conteúdos capazes de alimentar a construção de suas narrativas ficcionais.

No entanto, Castro (2010) observa que, através da comunicação, os gêneros se constituem de forma interligada:

Na verdade, literatura e jornalismo nascem unidos se pensarmos que toda literatura é comunicação: comunicação de informações, experiências, novidades (news), histórias. Todos os dias, os jornais nos contam diversas histórias, sendo que essas histórias adquiriram um *modus operandi* próprio às rotinas de produção, e mesmo que quase canônico, isso não quer dizer que seja o único nem o melhor (Castro, 2010, p.21).

De forma mais precisa, é importante esclarecer que o termo “jornalismo literário” é apenas uma das várias denominações aceitas para esse gênero jornalístico, embora seja a mais amplamente difundida. A reportagem, nesse contexto, pode ser considerada uma das formas possíveis de expressão do jornalismo literário. Ao adotar essa perspectiva, amplia-se a compreensão do termo, permitindo abarcar diferentes tradições jornalísticas e variações linguísticas ao redor do mundo (Soares 2021).

Na tese de Lima (2004), entre inúmeros modos de comunicação que o jornalismo e a literatura têm similaridade, o jornalismo literário é o que de fato potencializa a escrita de uma livro-reportagem. Não por acaso, ao longo da história, escritores de livro-reportagem optaram pelo gênero como alternativa para desenvolver suas reportagens mais densas e duradouras.

Para elucidar técnicas referentes ao jornalismo literário, Pena (2006) cita características da narrativa em sua obra. Uma das questões abordadas pelo autor é a ausência do lead na escrita do jornalismo literário. Nessa estratégia narrativa, criticada durante o livro, a finalidade é atrair a atenção do leitor e oferecer um panorama imediato do que será abordado no texto, permitindo que ele compreenda o essencial da notícia mesmo sem ler o conteúdo completo. Para isso, responde a seis perguntas referentes ao fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? e por quê?

A fórmula realmente tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído. A opinião ostensiva foi apenas substituída por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. Para a socióloga Gaye Tuchman, por exemplo, a objetividade nada mais é do que um ritual de auto proteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa (PENA, 2006, p. 15).

Pena (2006) define o jornalismo literário como "linguagem musical de transformação expressiva e informacional". Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos". A partir dessa concepção, entende-se que o jornalismo literário ultrapassa os limites das classificações tradicionais, ao fundir características narrativas do jornalismo e da literatura em uma nova estrutura textual. Essa linguagem híbrida permite ao jornalista operar tanto no plano factual quanto no

estético, criando narrativas que informam e, ao mesmo tempo, emergem.

Nesse sentido, Rocha ; Xavier (2013) reiteram que os procedimentos metodológicos que orientam a produção de um livro-reportagem, embora compartilhem semelhanças com os da reportagem tradicional, exigem uma adaptação às particularidades do formato e da estrutura do livro:

No livro-reportagem, o processo de produção e construção textual configuram um movimento espiral, estabelecendo um diálogo em todo seu percurso. O suporte livro-reportagem exige um número suficiente de informações, dados, fontes, depoimentos para que contemple o conteúdo e o volume de um livro sem desfigurar sua relação com a realidade, sem migrar para a “invenção”, ou mesmo ficção. O que não o impossibilita de disponibilizar dos recursos do jornalismo literário (Rocha ; Xavier, 2013, p.155).

Avaliando os autores citados nesta tese como exemplos de referência narrativa, destacam-se duas obras que foram utilizadas como referência de linguagem jornalística neste livro-reportagem: Rota 66: a história da polícia que mata, de Caco Barcellos (1992), e Sevandija, de Cristiano Pavini (2024). Ambas exemplificam como a união das técnicas do jornalismo literário pode ser aplicada a investigações jornalísticas de fôlego, por meio de uma construção textual que combina apuração rigorosa, organização narrativa estratégica e ambientação dos fatos. Em Sevandija, Pavini transforma a operação do Ministério Público do Estado de São Paulo em um enredo dinâmico, capaz de traduzir a complexidade de um esquema de corrupção sistêmica na administração pública de Ribeirão Preto. Pavini faz uso de uma estrutura espiral, que aos poucos revela novos elementos da investigação, além de empregar linguagem acessível, técnicas narrativas que auxiliam na compreensão do leitor e ambientação na vida dos personagens.

3 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

A construção do livro-reportagem *Venturas Mil: O Renascimento da Ferroviária* exigiu um processo de apuração intenso, imersivo e guiado por critérios do jornalismo investigativo e literário. Para além da pesquisa documental e entrevistas pontuais, o trabalho apostou na vivência direta com as fontes, privilegiando o contato humano, o deslocamento físico e a observação de campo como elementos centrais da investigação, complementados pelo uso de documentos oficiais e materiais históricos.

A ideia de desenvolver o livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso surgiu ainda no quinto semestre da graduação em Jornalismo, após a entrega do documentário *Ferroviária SAF: Futebol e Negócios*, que analisava, em caráter introdutório, o processo de transição da Ferroviária para o modelo de Sociedade Anônima do Futebol (SAF). Embora já apresentasse entrevistas e trechos promissores, o documentário revelou que o conteúdo apurado era apenas a superfície de uma narrativa muito mais ampla, marcada por tensões políticas, negociações, rupturas afetivas e decisões administrativas que mudaram o rumo do clube. A partir dessa constatação, estruturou-se a proposta do livro-reportagem como projeto de TCC, com o objetivo de produzir um registro jornalístico cronológico, humanizado e aprofundado da trajetória recente da Ferroviária.

O desenvolvimento da apuração envolveu múltiplas viagens a Araraquara, cidade sede do clube, e a São Paulo, onde foram realizadas entrevistas estratégicas, incluindo uma com Rodrigo Monteiro de Castro, advogado responsável pela elaboração da Lei das SAFs no Brasil. Em uma das viagens, partimos de Ribeirão Preto às cinco da manhã, levando apenas o essencial, roupas e equipamentos de gravação e percorremos mais de 600 km no mesmo dia, cumprindo integralmente o cronograma de entrevistas na Avenida Faria Lima. Essas viagens possibilitaram não apenas o acesso a fontes relevantes, mas também o registro de ambientes simbólicos do clube, como o estádio da Fonte Luminosa, o CT do Pinheirinho e a antiga Chácara do São Geraldo, adicionando à narrativa atmosferas e paisagens que enriquecem a estética do jornalismo literário.

A metodologia adotada valorizou a observação direta, pesquisa documental, a escuta ativa e o cruzamento de versões. Foram realizadas mais de vinte entrevistas com ex-dirigentes, técnicos, advogados, investidores, representantes do poder

público e torcedores. Entre os entrevistados destacam-se Rodrigo Monteiro de Castro, Edinho Silva, prefeito de Araraquara em momentos-chave da Ferroviária, e Pedro Martins, ex-CEO do clube. As falas foram confrontadas com documentos inéditos, incluindo a ata de criação da Ferroviária SAF, além de arquivos oficiais publicados no site da instituição.

Um dos momentos mais marcantes da apuração foi o acompanhamento de um dia inteiro ao lado de Helter Torres, gerente de operações do clube, durante a

rotina pré-jogo. Essa experiência proporcionou acesso a bastidores raramente expostos à imprensa, incluindo microdecisões, gestos e linguagem corporal que compõem o cotidiano de um clube em transição entre tradição e lógica empresarial.

A cobertura direta das partidas esportivas constitui outro eixo fundamental do trabalho. Para reconstruir a trajetória recente da Ferroviária, foram analisados jogos na íntegra ou por meio de melhores momentos, destacando confrontos emblemáticos como a derrota para o XV de Jaú e a final da Copa Paulista, ambas em 2006, e a vitória contra o Juventude na Copa do Brasil de 2007. Na segunda fase da Série C do Campeonato Brasileiro de 2024, a equipe teve desempenho decisivo como mandante, registrando vitórias por 3 a 2 sobre o Londrina-PR, 3 a 2 sobre o Athletic-MG em que a Ferroviária abriu o placar, sofreu a virada e conseguiu empatar e virar nos minutos finais e 4 a 2 sobre o Ypiranga-RS, na última rodada do quadrangular decisivo. Essa campanha culminou no acesso à Série B, encerrando um hiato de 30 anos sem disputar a segunda divisão nacional e consolidando o renascimento esportivo e simbólico do clube.

O acompanhamento dessas partidas permitiu compreender não apenas os resultados esportivos, mas também a dimensão afetiva, social e identitária da Ferroviária, evidenciando a força do clube em momentos decisivos e o vínculo com a cidade de Araraquara. A análise combinou observação in loco, entrevistas com torcedores e material audiovisual, garantindo uma visão completa da experiência vivida nas arquibancadas e no entorno do estádio.

Além da apuração de campo, a pesquisa histórica foi enriquecida por acervos jornalísticos, como o arquivo digital da Folha de S.Paulo e do Grupo EPTV, fornecendo registros desde campanhas históricas até períodos conturbados da gestão do clube. Essas fontes permitiram reconstruir o contexto político, administrativo e econômico que moldou a trajetória recente da Ferroviária.

Com a escuta ativa, a presença física e a pluralidade de fontes, Venturas Mil não se limita a contar uma história: reconstrói uma memória recente que permanecia fragmentada, oferecendo ao leitor um panorama narrativo, crítico e documental da reconstrução da Ferroviária. Ao articular bastidores administrativos, drama esportivo e elo comunitário, o trabalho propõe um modelo investigativo inovador sobre clubes do interior paulista. Essa proposta se consolidou também na checagem minuciosa

de documentos oficiais, especialmente os dados do Portal da Transparência da Arena da Fonte Luminosa, onde foram rastreados e verificados valores relacionados às verbas municipais da gestão Edinho Silva. O processo de apuração, pautado pela verificação cruzada de informações e pela busca por evidências concretas, reforçou o compromisso do livro com o rigor jornalístico e a transparência na reconstrução dos fatos.

Optou-se por dividir o livro-reportagem em nove capítulos distintos, cujas descrições podem ser lidas na defesa abaixo:

3.1 Última Estação

O capítulo de abertura, "Última Estação", mergulha na crise profunda enfrentada pela Ferroviária antes mesmo do rebaixamento à Série A2 do Campeonato Paulista em 1996. A queda livre continuaria: da A2 para a A3 em 1997, e posteriormente para a Série B1 em 2000. Mesmo com um breve alívio em 2001, com o acesso de volta à A3, o clube voltaria a cair em 2003. Foi nesse contexto que se iniciou a transformação da Ferroviária em empresa, marco que encerra este capítulo.

3.2 Essa Empresa Dá Jogo

"Essa empresa dá jogo" revela os bastidores da criação da Ferroviária S/A. Com participação decisiva do poder público municipal, a municipalização do estádio Fonte Luminosa e a assinatura de contratos com acionistas e empresas locais foram ações que redesenharam a estrutura do clube. Este capítulo detalha os processos e necessidades da criação do projeto naquele período.

3.3 Calvário

"Calvário" aborda um período de reconstrução marcada por contrastes. Mesmo com dívidas parcialmente sanadas por parte do acordo feito com a Prefeitura de Araraquara, ainda havia dificuldades estruturais e financeiras. O clube perdeu um acesso importante em 2006, enquanto disputava a Série A3. No entanto, no mesmo ano, conquistou o título da Copa Federação Paulista em 2006, subiu para a Série A2

em 2007 e disputou a Copa do Brasil no mesmo ano.

3.4 Valsa da Fonte

O capítulo narra a reconstrução da Arena da Fonte Luminosa, em Araraquara, liderada pelo então prefeito Edinho Silva com apoio do governo federal, totalizando R\$28 milhões em investimentos. A obra, marcada por atrasos, disputas políticas e dificuldades financeiras, foi concluída durante a gestão de Marcelo Barbieri, que evitou a paralisação mesmo sem os recursos da contrapartida municipal. Enquanto isso, a Ferroviária enfrentava má fase e chegou a ser rebaixada à Série A3. A reinauguração ocorreu em outubro de 2009, em uma grande festa com mais de 20 mil torcedores, marcando um novo capítulo para o clube e para o futebol da cidade, apesar da perda da chance de ser subsede da Copa de 2014.

3.5 Tempo Rei

Em 2010, após anos de luta e reestruturação, a Ferroviária conquistou o acesso à Série A2 do Campeonato Paulista com uma campanha consistente na Série A3, mesmo enfrentando dificuldades financeiras e começando o ano com dívidas. Liderada por um grupo coeso e motivado, a equipe venceu partidas importantes no quadrangular final e garantiu o acesso com um empate fora de casa contra o XV de Piracicaba. Apesar da derrota na final contra o Red Bull Brasil, o vice-campeonato foi celebrado como um marco da retomada. Sem recursos para manter o time inativo, o clube montou um elenco jovem para disputar a Copa Paulista e, mesmo eliminado na segunda fase, viu o projeto se fortalecer com novos patrocinadores, como o Sistema COC, garantindo fôlego financeiro e preparando o terreno para buscar o retorno à elite paulista em 2011.

3.6 Seu Passado Te Condena

Apesar dos esforços financeiros e administrativos, a Ferroviária enfrentou dificuldades para retornar à elite do futebol paulista entre 2011 e 2014, marcada por dívidas trabalhistas herdadas da antiga associação, mudanças na diretoria, parcerias estratégicas e oscilações técnicas. Mesmo com investimentos de Luizinho

“Cai-Cai” e a unificação administrativa entre Ferroviária S/A e Associação Ferroviária de Esportes, o time teve campanhas irregulares na Série A2, sofrendo com resultados decepcionantes, trocas de técnicos e pressões dentro e fora de campo. Momentos de esperança, como o “Milagre de Páscoa” em 2013 e boas participações na Copa Paulista, foram insuficientes para o acesso imediato, refletindo um ciclo de dificuldades financeiras, estruturais e esportivas que só aos poucos começaram a ser superadas.

3.7 Que Bom Que Você Voltou

“Que bom que você voltou” traz de forma profunda e narrativa a campanha histórica da Ferroviária na Série A2 do Campeonato Paulista de 2015, que culminou com o retorno do time à elite estadual após 19 anos. O título faz alusão direta ao sentimento que tomou conta da torcida e da cidade de Araraquara após anos de frustrações, quase acessos, rebaixamentos e um longo período de incertezas: o renascimento. O capítulo detalha as peças-chave da campanha, os bastidores da preparação, os principais jogos e momentos simbólicos da trajetória até o acesso. Além dos resultados esportivos, o texto mostra como a conquista resgatou a autoestima da cidade e recolocou Araraquara no mapa do futebol paulista, atraindo olhares da mídia nacional e consolidando a Ferroviária como exemplo de clube médio bem administrado, ainda que com limitações financeiras. Além do acesso, também serão abordadas as campanhas da Ferroviária na Série A1 entre 2016 e 2019, um período que consolidou o clube como presença recorrente na elite paulista.

3.8 Quer Pagar Quanto?

“Quer pagar quanto?” Marca a entrada do investidor Saul Klein no controle do clube, em 2019. O nome faz alusão a uma das propagandas mais icônicas das Casas Bahia, rede de varejo da qual Klein é herdeiro. Neste período, a promessa de profissionalismo e investimento acabou contrastando com a instabilidade dentro de campo: campanhas decepcionantes, como a eliminação precoce na Série D com a maior folha da competição e uma sucessão de treinadores marcaram um período turbulento, apesar do aporte financeiro elevado

3.9 Descarrilhou

No capítulo "Descarrilhou", a narrativa se aprofunda nas denúncias de estupro que recaíram sobre Saul Klein, seu consequente afastamento da Ferroviária e os reflexos disso na gestão e nas finanças do clube. Mesmo com uma campanha histórica no Paulistão de 2021, a instabilidade nos bastidores e a queda de rendimento em 2022 abriram caminho para uma nova mudança de comando.

3.10 Sociedade Anônima de Futebol

Durante a pesquisa sobre a Ferroviária após sua transformação em Sociedade Anônima do Futebol (SAF), os pesquisadores enfrentaram desafios logísticos e financeiros para entrevistar Rodrigo Setoguti, um dos criadores da lei da SAF, em São Paulo, o que revelou a importância desse novo modelo que busca profissionalizar a gestão dos clubes, preservar suas identidades e atrair investimentos. A Ferroviária, antes controlada pela MS Sports de Saul Klein, passou por turbulências esportivas e escândalos que culminaram na venda para Giuliano Bertolucci, que assumiu a dívida de cerca de R\$12 milhões e tentou reorganizar o clube focando na base. A ata do Conselho de Administração em julho de 2022 formalizou a criação da SAF, visando profissionalização e sustentabilidade financeira, embora o balanço de 2023 mostrasse uma instituição ainda atolada em dívidas trabalhistas e fiscais, com receitas impulsionadas por patrocínios e negociações de atletas, mas que não foram suficientes para evitar um prejuízo de R\$ 3,3 milhões, evidenciando que a transição para a SAF é um processo complexo, onde paixão e mercado precisam coexistir para garantir o futuro do clube.

3.11 Um Orgulho do Brasil

Por fim, o capítulo "Um orgulho do Brasil" faz alusão ao trecho do hino da Ferroviária. Ele apresenta um momento crucial para a Ferroviária, que se viu diante de uma necessidade premente de alcançar o acesso à Série C do Campeonato Brasileiro após a queda no estadual. Por fim, se aprofunda nas conquistas consecutivas em nível nacional e a reconstrução da imagem da Ferroviária como um

modelo emergente de gestão e competitividade. O texto traz bastidores dessas conquistas e aponta caminhos para o futuro do clube sob o novo formato empresarial.

4 CONCLUSÃO

Mais do que uma trajetória esportiva, a história recente da Ferroviária representa o reencontro de um clube com sua própria essência. O renascimento grená não se resume às conquistas em campo, mas ao resgate do sentimento que une jogadores, dirigentes e torcedores em torno de uma mesma identidade. A cada passo dado, da reorganização administrativa à ascensão nacional, a Locomotiva reafirma o valor da persistência e da paixão.

A Ferroviária sobreviveu ao tempo e às dificuldades porque nunca esteve sozinha. Nos momentos mais delicados, quando as arquibancadas pareciam vazias e o futuro incerto, foi a torcida que manteve a chama acesa. O amor silencioso de quem nunca abandonou a camisa grená foi o combustível que impulsionou a reconstrução. Cada canto, cada faixa e cada aplauso se tornaram parte fundamental dessa retomada.

Hoje, a presença da Ferroviária entre os grandes novamente é também a vitória do torcedor que acreditou. A história que se escreve nas arquibancadas de Araraquara é feita de emoção, de memórias e de esperança, um elo que atravessa gerações e transforma o futebol em patrimônio cultural. É ali, no calor das cores e das vozes, que o clube reafirma sua alma.

O renascimento grená é um símbolo de pertencimento. Mostra que o futebol pode ser mais do que resultado: pode ser reconstrução, comunidade e fé. A Ferroviária segue, como sempre, guiada pela força de quem a ama e pela promessa de seguir em frente, de trilhos firmes, cabeça erguida e coração pulsando em grená.

REFERÊNCIAS

AMÉRICA FUTEBOL CLUBE (RP). **Fundação do América Futebol Clube**. Disponível em: <http://america-rp.com.br/Index.asp?lr=Fundacao>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BAROFFALDI, Vicente Henrique. **Breviário Grená**. Campinas: Pontes, 2014.

BAROFFALDI, Vicente Henrique. **Ferroviária em Campo**. Campinas: Pontes, 2010.

CASTRO, Rodrigo R. Monteiro et al. *Comentários à Lei da Sociedade Anônima do Futebol: Lei nº 14.193/2021*. Brasil: Quartier Latin, 2021.

FOLHA DE S. PAULO. Atlético-PR nega interferência de Lula na contratação de técnico. **Folha de S. Paulo** [online], 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u579071.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Clubes da região discutem calendário. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 29 mar. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2903200910.htm>. Acesso em: 7 jul. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Equipe grená enfrenta pressão fora de casa. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 23 out. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2310200917.htm>. Acesso em: 2 jul. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Ferroviária negocia reforços e ajustes internos. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 20 ago. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2008200903.htm>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Ferroviária protesta contra arbitragem. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 11 jun. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri1106200911.htm>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Ferroviária tenta reação no campeonato. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 22 out. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2210200916.htm>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Ribeirão tem menor público da Série C. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 30 dez. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri3012200812.htm>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Sem dinheiro para reformar estádio, Ribeirão faz “dossiê”. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 29 mar. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2903200912.htm>. Acesso em: 5 jul. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Time da região disputa vaga decisiva. **Folha de S.Paulo** [online], Ribeirão Preto, 20 jun. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2006200912.htm>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GAZETA DO POVO. Atlético abraça afilhado paulista. **Gazeta do Povo** [online], 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/atletico-pr/atletico-abraca-afilhado-paulista-ec8o5fx5ifv4k8hlo4s4i8vgu>. Acesso em: 18 jul. 2024.

GAZETA DO POVO. Atlético contrata Wanderson, zagueiro da parceira Ferroviária. **Gazeta do Povo** [online], 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/atletico-pr/atletico-contrata-wanderson-zagueiro-da-parceira-ferroviaria-d1o4w8nun43ou8d3xhoy4s41w/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GE. **Ferroviária conquista segundo acesso seguido e volta à Série B depois de 30 anos.** 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/times/ferroviaria/noticia/2024/10/05/ferroviaria-conquista-segundo-acesso-seguido-e-volta-a-serie-b-depois-de-30-anos.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2025.

GE. **Juventus-SP vence Ferroviária nos pênaltis e avança na Série A2.** 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/paulista-serie-a2/jogo/27-03-2024/ferroviaria-juventus.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2025.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2008.

MACIEL, Alexandre Zarate. Páginas de Outrora: traços da história do livro-reportagem no Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., 2017, Fortaleza. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Fortaleza: Intercom, 2017. p. 1-15. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1634-1.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2025.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo literário:** como o livro-reportagem transforma um fato em história. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Social da Bahia, Salvador, 2006.

PORTAL MORADA. **Há 60 anos, Ferroviária estreava em sua 1ª excursão internacional.** 2024. Disponível em: <https://portalmorada.com.br/ha-60-anos-ferroviaria-estreava-em-sua-1a-excursao-internacional/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

RIBEIRO, Eduardo Bacani. **Estrada de Ferro Araraquara:** da Morada do Sol à “Boca do Sertão” – os espaços invisíveis. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

RSSSF. **Ferroviária (Brazil) Tour of Europe and Africa 1960.** Disponível em: <https://www.rsssf.org/tables/ferroviariatrip60.html>. Acesso em: 3 abr. 2025.

RSSSF BRASIL. **Campeonato Brasileiro 1983**. 2024. Disponível em: <https://www.rsssfBrasil.com/tablesae/br1983.htm>. Acesso em: 25 mar. 2025.

RSSSF BRASIL. **Campeonato Paulista 1956**. 2024. Disponível em: <https://www.rsssfBrasil.com/tablessz/sp1956.htm>. Acesso em: 25 mar. 2025.

RSSSF BRASIL. **Campeonato Paulista Série Azul 1955**. 2024. Disponível em: <https://www.rsssfBrasil.com/tablessz/sp1955l2.htm>. Acesso em: 25 mar. 2025.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges; GUZZO, Morgani. **Livro-reportagem**: a fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário. Guarapuava: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2008.

UOL ESPORTE. Herdeiro das Casas Bahia tem recepção de estrela para assumir a Ferroviária. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/12/10/herdeiro-das-casas-bahia-tem-recepcao-de-estrela-para-assumir-a-ferroviaria.htm>. Acesso em: 1 abr. 2025.

ZIVIANI, Larissa Nunes. Consumo, futebol e identidades: uma abordagem etnográfica do circuito futebolístico da cidade de Araraquara-SP. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2020. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/179525/consumo-futebol-e-identidades-uma-abordagem-etnografica-do>. Acesso em: 11 dez. 2025.